

CONTRIBUÇÃO DAS IMAGENS PRODUZIDAS NAS VIAGENS CIENTÍFICAS DE KARL VON DEN STEINEN E EMILE SNETHLAGE PARA ANTROPOLOGIA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX.

Marcos Paulo Mendes Araújo

1- Secretaria Estadual de Educação do Amazonas (SEDUC) e Secretaria Municipal de Educação de Manaus (SEMED).

E-mail: cunhabebe@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

No século XIX o novo mundo foi “redescoberto”, mas dessa vez não pelos antigos exploradores. No mencionado século, desembarcaram por aqui no continente americano um número significativo de cientistas que buscavam todo tipo de informação que pudesse servir aos interesses dos grandes financistas da época.

Em relação ao Brasil, cabe destacar a figura do Imperador Dom Pedro II que procurou incentivar a vinda desses pesquisadores para o país. Havia uma urgente necessidade de produzir conhecimentos sobre nosso território e nossas riquezas naturais. Essa busca tinha por finalidade a criação de oportunidades de negócios futuros.

Sobre essa necessidade nacional escreveu Clarice Ferreira de Sá:

Fazia-se necessário conhecer o vasto território no qual se localizava a nação e para tanto se investia em viagens para a pesquisa e registro do que havia em terras longínquas. Era de extrema importância que um artista acompanhasse as expedições científicas realizadas, pois o registro através da imagem faria parte da formação deste imaginário brasileiro.¹

Interessante observar que a pesquisadora comenta que era importante a presença de profissionais que pudessem registrar aspectos dessas viagens científicas realizadas por esses

¹ SÁ, C. F. de. Os registros científicos da Comissão Científica de Exploração ao Ceará e a importância da construção da nação. *In.* **19&20** Rio de Janeiro, vol. VI, n. 1. Jan./mar. 2011. Disponível em http://www.dezenovevinte.net/obras/cccientifica_cc.htm. Acesso em 22 de fevereiro de 2015.

pesquisadores estrangeiros. Tais registros poderiam ser feitos através de desenhos ou fotografias. Neste último caso, como supor, que um equipamento inventado no fim da terceira década do século XIX, em pouquíssimo tempo iria transformar a visão de mundo das pessoas. O que atraiu inicialmente a atenção das pessoas, apenas como algo curioso ou mesmo “mágico”, a fotografia, foi aos poucos ganhando outras dimensões sociais. Sobre isso comentou Turazzi²:

As imagens do mundo visível não foram mais as mesmas depois dos anos 1839-1840. A invenção que chamamos de fotografia foi apresentada à Academia de Ciências de Paris em 19 de agosto de 1839. O que veio depois, ou pelo menos bem depois, todos nós conhecemos: vivemos hoje em um mundo abarrotado de imagens fotográficas. Mas o que aconteceu nos meses que se seguiram àquela célebre reunião de cientistas, jornalistas e curiosos ainda esconde muitas surpresas e controvérsias. Uma delas é como essa novidade chegou por aqui.

Tenho chegado ao Brasil em 1840, através do navio *Oriental*, o primeiro ensaio fotográfico em solo nacional foi realizado na cidade do Rio de Janeiro em meados do mês de janeiro daquele ano. O feito aconteceu na antiga hospedaria Pharoux que atualmente dá lugar à Praça XV de Novembro. Essa primeira experiência foi realizada pelo processo criado pelo francês Louis Jacques Mandé Daguerre. O feito no Brasil coube ao abade Combes.

No início a difusão das imagens fotográficas não foi algo muito fácil em razão dos valores envolvidos, mas aos poucos, foi sendo popularizado, o que proporcionou algum lucro aos chamados daguerreotipistas.

Mas, se no início os valores eram altíssimos, duas décadas depois a popularidade esperada foi surgindo em função do aparecimento de técnicas que foram aos poucos barateando os custos para produção de imagens a partir de técnicas fotográficas. Um exemplo disso foi o uso do colódio úmido e do papel albuminado que acabaram reduzindo significativamente o valor da multiplicação das ampliações.³

Assim, os processos fotográficos foram sendo incorporados aos poucos nos meios sociais. Inicialmente o espaço privado foi o alvo dos primeiros fotógrafos que produziam

² TURAZZI, M. I. Máquina viajante. In. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Ano 5, n. 52. Janeiro de 2010. P. 18.

³ VASQUES, P. **Fotografia, reflexos e reflexões**. Porto Alegre: L&PM, 1986. P. 19.

imagens familiares. A fotografia por vezes serviu como cartão de visita ou ainda como o registro da presença das pessoas em determinados eventos e/ou instituições. E foi justamente a partir desses usos que a fotografia acabou ganhando um espaço cada vez maior no país, até chegar ao ponto do governo institucionalizar o seu uso.

Mas, se por um lado a fotografia ganhou aos poucos uma significativa projeção, por outro, ainda existiam certas barreiras para seu uso frequente nas expedições científicas, sobretudo, nas mais antigas, principalmente em razão da logística que deveria ser montada para seu uso pleno durante as viagens. Neste caso, ao lado das máquinas fotográficas, viajavam também as pranchetas de desenho que seriam utilizadas para igualmente para registrar aspectos observados pelos cientistas.

E foi pensando nisso, que esta proposta de estudo nasceu. Após algumas leituras de relatos de viagens científicas fica evidenciado que as imagens produzidas nas expedições, são de fato, os fios condutores da criação de consciência acerca dos conhecimentos reunidos sobre os locais e pessoas visitadas. A fim de ilustrar este estudo, foram escolhidas duas viagens científicas realizadas por alemães: a primeira conduzida por Karl von den Steinen no ano de 1884 entre as Províncias do Mato Grosso e do Pará. O objetivo central dessa expedição era identificar as nascentes do Rio Xingu. Para tal, o explorador contou com a ajuda do governo que colocou militares a disposição de Karl von den Steinen para facilitar as atividades desenvolvidas pelo explorador.

Essa expedição contou também com a presença de Wilhelm von den Steinen. Primo do líder da expedição, ele possuía uma sólida formação em desenho, o que em muito colaborou com os registros da viagem, que serão alvos desse estudo mais adiante.

A segunda viagem exploratória escolhida para ilustrar esse estudo, foi realizada pela cientista Mathilde Maria Elisabeth Emilie Stnethlage. Essa pesquisadora realizou uma travessia entre os rios Xingu e Tapajós no ano de 1909.

Em ambos os casos, foram produzidas imagens que ajudam a entender a dinâmica dessas viagens, com todos os seus pormenores. A proposta central do trabalho é apresentar um estudo sobre tais imagens e sua importância para os estudos antropológicos realizados posteriormente no Brasil acerca das populações indígenas mencionadas por Karl von den Steinen e Emilie Stnethlage.

2. WILHELM VON DEN STEINEN E AS IMAGENS DA VIAGEM AO XINGU DE 1884.

No início do ano de 1884, chegou ao Brasil uma comissão científica formada por três alemães, o médico e etnólogo Karl von den Steinen que liderava a expedição, o engenheiro Otto Claus e o desenhista Wilhelm von den Steinen⁴. Após desembarcarem em setembro de 1883 na cidade de Montevideu no Uruguai, provenientes de uma expedição ao polo sul, Karl von den Steinen e Otto Claus, encontraram Wilhelm que os esperava, para juntos empreenderem uma viagem científica no território brasileiro. (imagem 1)

Imagem 1 – Karl von den Steinen com a arma na mão, Wilhelm von de Steinen de cachimbo e Otto Clauss deitado.



Fonte: <https://www.visual-history.de/2015/06/23/alberto-henschel-und-die-fruehe-portraetfotografie-in-brasilien/>.

A chegada de Karl von den Steinen ao Brasil e sua intenção de realizar uma viagem científica no interior do país, foi acompanhada com interesse e entusiasmo por alguns intelectuais brasileiros. Para algumas pessoas, as pesquisas promovidas por cientistas estrangeiros no território nacional colaboravam com os esforços empreendidos por uma elite

⁴ Como foi dito anteriormente Wilhelm von den Steinen era primo de Karl von den Steinen e atuou na comissão como pintor e desenhista. Consta na obra de etnólogo que seu primo recebeu instruções para viagem na cidade Hamburgo onde estudou com o professor Neumayer, que também o orientou na escolha dos instrumentos necessários à expedição.

intelectual brasileira que perseguia o estabelecimento de uma identidade nacional. Sobre isso Maria Isaura Pereira de Queiroz assim se referiu:

Um dos principais problemas que os cientistas sociais brasileiros buscaram resolver em fins do século XIX foi o da existência e características da brasilidade, que segundo eles se comporia de duas vertentes: um patrimônio cultural formado por elementos harmoniosos entre si, que se conservaria semelhante através do espaço e do tempo; e a partilha do patrimônio cultural pela grande maioria dos habitantes do país, em todas as camadas sociais⁵.

A chegada dos três alemães ocorreu após uma série de contatos estabelecidos entre autoridades de ambos os países, ou seja, do Brasil e da Alemanha. Sua entrada no território brasileiro deu-se através do Paraguai, de onde partiram em um vapor em direção a cidade de Corumbá após uma estada de aproximadamente três semanas na capital paraguaia onde realizaram uma espécie de oficina para se adaptarem à língua portuguesa. A chegada a cidade de Corumbá ocorreu no dia 26 de março, data que marca oficialmente a chegada de Karl von Steinen e seus companheiros em solo nacional.

Logo em seguida, o grupo embarca no vapor “Coxipó” em direção a Cuiabá que marcaria o início da viagem exploratória do grupo. O desembarque dos alemães ocorreu no dia 30 do mesmo mês. No seu livro, Karl von den Steinen informou que nesta cidade ele e seus companheiros permaneceram por quase dois meses, tempo em que fizeram os contatos necessários à viagem, organizaram os equipamentos e contrataram pessoas. Durante esse tempo, Steinen registrou vários aspectos da cidade que foram posteriormente apresentados em seu livro. São informações sobre os moradores, clima, as ruas e casas, as festividades, bem como, sobre sua estada entre os brasileiros da capital mato-grossense.

Levando em conta o estudo realizado por Maria Helena Ortolan Matos, é possível afirmar que, as viagens realizadas por Karl von den Steinen no Brasil estão inseridas em um contexto onde as explorações científicas eram tratadas como uma espécie de investimento por

⁵ QUEIROZ, M. I. P. de. **Identidade Cultural, Identidade nacional no Brasil**. In. Tempo Social: Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo. I (1): 29-46, 1º semestre de 1989. P. 62-63.

determinados agentes financiadores que esperavam que os relatos desses viajantes, como os de Steinen, pudessem apontar as potencialidades econômicas das regiões visitadas⁶.

A presença de Karl von den Steinen no território brasileiro, sobretudo, nas áreas margeadas pelo rio Xingu, ao que parece, foi diretamente influenciada pela presença de outros europeus na região amazônica, como fica constatado no primeiro capítulo de sua obra sobre a visita ao Xingu em 1884. Nesta parte do trabalho do alemão, aparece o nome de vários viajantes, exploradores e cientistas que estiveram na região desde o século XVI⁷. Isso demonstra que Steinen possuía um conjunto de informações bastante diversificado sobre a região que pretendia visitar.

Mas, de todas as possíveis influências presentes na obra de Karl von den Steinen que o levaram a visitar os sertões do Brasil em duas ocasiões, a que parece ter sido mais significativa, foi a do Príncipe Adalbert von Preussen, que esteve visitando a parte norte do Xingu em 1843, quando teve a oportunidade de conhecer as comunidades indígenas situadas na região denominada de Piranhacoára.

Os registros deixados pelo príncipe Adalberto dão conta que as regiões visitadas por ele, eram consideradas desconhecidas, o que atraiu o interesse de alguns pesquisadores para a necessidade de explorar o Xingu. Ao que parece, esta foi a motivação inicial que conduziu Karl von den Steinen ao Brasil a fim de explorar os aspectos geográficos e naturais do rio mencionado pelo nobre em sua obra.⁸

Além de conhecer a geografia do rio Xingu também interessava a Karl von den Steinen investigar as populações nativas que habitavam suas margens, e foi justamente estas investigações e pesquisas que apareceram em 1886 no livro publicado por Steinen na Alemanha e que ganhou uma tradução no Brasil sob o título de *O Brasil Central*.

As pesquisas realizadas por Karl von den Steinen entre às populações indígenas no Brasil foram fortemente influenciadas pelas teorias das ideias elementares e dos círculos

⁶ MATOS, M. H. O. Barbosa Rodrigues e o indigenismo brasileiro: quando o naturalista viajante faz mais que olhar e anotar, ele incomoda. In. CARVALHO JÚNIOR, A. D. de.; NORONHA, N. M. (orgs.) **A Amazônia dos Viajantes: História e Ciência**. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2011. P. 168.

⁷ Karl von den Steinen menciona, entre outros, Francisco de Orellana, Pedro Teixeira, Christoval Acuña, Maurício de Heriarte, Samuel Fritz, além dos padres Manoel de Souza e Rochus Hundertpfund.

⁸ O livro escrito pelo príncipe Adalberto da Prússia ganhou pelo menos duas traduções no Brasil, entre elas, a que foi publicada pelo Senado Federal: PRÚSSIA, A. da. **Brasil: Amazonas – Xingu**. Trad. Eduardo de Lima e Castro. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Coleção: O Brasil Visto por Estrangeiros.

culturais difundidas por Adolf Bastian⁹, que esteve com Steinen na Polinésia em 1880. E foi justamente após este encontro que Karl von den Steinen passou a ter interesse nas pesquisas etnológicas, acarretando o início de suas viagens pelo mundo.

E foi, justamente neste contexto, que Karl von den Steinen desembarcou no território brasileiro com outros dois companheiros. Munidos de alguns conhecimentos sobre o Xingu, parcos recursos financeiros e com alguns equipamentos, vieram ao Brasil com o intuito de realizar a viagem entre as cidades de Cuiabá e Belém do Pará a fim de identificar, entre outras coisas, as nascentes do rio Xingu.

Como mencionado anteriormente, a viagem ocorreu ao longo de quase seis meses e os pesquisadores contaram com a companhia de dois oficiais do Exército Brasileiro, vinte cinco praças do 8º Batalhão de Infantaria, militares de cavalaria, além de dois guias e de um prático. Logo após o término da viagem exploratória, Karl von den Steinen publicou na Alemanha o resultado de suas pesquisas em uma obra composta por vinte e quatro capítulos e nove apêndices.

Nela, o pesquisador registrou, entre outras coisas, informações sobre a Província do Mato Grosso, aspectos sobre a viagem realizada entre a cidade de Assunção e Corumbá, além do trecho entre esta cidade e Cuiabá. Mas, de todas as observações, descrições e análises apresentadas na obra, as que ganharam mais destaque, foram aquelas, relacionadas aos contatos com os grupos indígenas que habitavam as margens dos rios onde estiveram os expedicionários.

Sobre esses contatos com os índios, foram destinados treze capítulos da obra, onde os mesmos aparecem em destaque, inclusive no título dos capítulos, além de outros três que também possuem informações sobre tais grupos indígenas. Sobre a disposição dessas informações no livro, elas estão situadas entre os capítulos doze e vinte e quatro. Ainda sobre as informações presentes na obra que fazem menção aos grupos indígenas que foram encontrados ao longo da viagem, cabe mencionar que, esses grupos foram, respectivamente, bacairí, trumaí, suiá, manitsauá e juruna.

Os registros de Karl von den Steinen estavam carregados com os discursos naturalistas da época que demonstrava preocupação com a ação devastadora que os contatos com a

⁹ Karl von den Steinen foi um discípulo do etnólogo Adolf Bastian que criou a corrente teórica que ficou conhecida como Teoria das Ideias Elementares ou *Elementargedanken*. Segundo Robert Lowie, Bastian defendia a ideia da existência de uma unidade psíquica na humanidade que produz em todos os homens um conjunto de ideias semelhantes, mas que os estímulos externos provocariam reações diferentes nos mesmos, o que acabaria por resultar em diferenças ou similitudes entre os povos que estavam organizados em áreas culturais. In. LOWIE, R. **História de la Etnologia**. México: Fondo de Cultura Economica, 1946. P. 50.

civilização poderiam provocar entre as populações indígenas que eram tidas como primitivas. Para isso, ele procurou, além de realizar as pesquisas antropológicas entre os índios, também recolher peças da cultura material que pudessem documentar a existência desses grupos.

O que os nossos museus conservam da imagem de antigos tempos é no fundo uma miserável coleção de coisas em série. Dentro de um armário de vidro está a vida de um povo. Mas, na falta de coisa melhor, esses tapos coloridos e esses vasos maravilhosos servirão para testemunhar às gerações vindouras o desenvolvimento da humanidade, e, por isso, assumem progressivamente a importância de documentos, embora pareçam bagatelas¹⁰.

Além da produção textual produzida por Karl von den Steinen sobre a viagem, também foi produzida um rico conjunto de imagens. Para tal feito, o médico e antropólogo trouxe com ele, o seu primo e desenhista Wilhelm von den Steinen que ficou encarregado de produzir as imagens da expedição.

Mesmo levando em conta, que na época em que a viagem foi realizada a produção de desenhos de viagem não representar um diferencial para a produção de conhecimentos científicos, a presença do desenhista acabou enriquecendo muito a obra. Wilhelm foi contratado por Karl para servir como cronista artístico da expedição, o que o colocava de certa forma, em uma posição de destaque.

O desenhista da 1ª expedição científica realizada especificamente ao rio Xingu, havia estudado na Academia de Artes de Dusseldorf, onde foi matriculado no ano de 1879 aos vinte anos de idade. Considerada como uma das academias mais respeitadas na época, o jovem Wilhelm pode compartilhar seus dias com alguns dos melhores ilustradores da Europa daquela época.

Os anos seguintes à formatura não foram de grandes trabalhos. Segundo Renate Loschner o desenhista realizou alguns trabalhos pouco significativos, com destaque apenas para algumas ilustrações para a obra de Arthur Baessler sobre arte pré-colombiana do Perú antigo.

¹⁰ STEINEN, K. v. d. **O Brasil Central**: expedição em 1884 para a exploração do rio Xingu. Trad. Catarina Baratz Cannabrava. Ed. Ilustrada. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1942. P. 378.

Assim, é importante registrar que a viagem ao Xingu em 1884 foi a grande oportunidade da vida de Wilhelm para mostrar seu trabalho como desenhista e ilustrador.

Durante a viagem ao Xingu, o artista produziu basicamente esboços a lápis, desenhos a bico de pena e alguns poucos desenhos a óleo que acabaram perdidos por ocasião de um acidente que levou para o fundo do rio uma canoa com todo seu trabalho. Dos trabalhos do desenhista que foram publicados na obra de seu primo, é possível perceber sua preocupação com certos detalhamentos, tais como: fisionomias, detalhes da indumentária, aspectos relacionados aos adornos, pinturas e tatuagens. (imagem 2)

Imagem 2 – Desenho demonstrando as dificuldades enfrentadas por Karl von den Steinen em 1884 durante sua expedição.



Fonte: <http://olimpiareisresque.blogspot.com.br/2013/11/>

Ainda segundo Loschner é interessante informar que a obra de Wilhelm retrata aspectos de algumas comunidades que já não existem mais, ou seja, tais registros se tornaram únicos. Outro aspecto que merece destaque no conjunto da obra do artista, são os retratos que ele produziu de alguns índios que tiveram contato com os expedicionários ao longo da viagem.

Também foi alvo de seus lápis e bicos de pena, aspectos do cotidiano dos indígenas visitados. Procurou produzir imagens fiéis das moradias, dos objetos mais simples, armas, ferramentas. Sobre esse aspecto comentou Loschner:

Com o lápis, Steinen acompanhava delicadas estruturas trançadas, procurando desvendar a habilidade artesanal dos índios. Preocupava-se com detalhes, como a amarração de redes e dispositivos para fogões. Desenhava ossos, conchas,

animais, equipamento doméstico, cestos de transporte, panelas, tigelas, flechas, máscaras, figuras de palha e madeira, e muito mais.¹¹

É possível perceber que o artista possuía significativo interesse em retratar pessoas e seu cotidiano, a ponto de não ter explorado de forma mais incisiva as paisagens, o que destoa do texto de seu primo que procura dar ênfase aos aspectos naturais dos pontos visitados pelos expedicionários.

Sobre isso Loschner registrou:

O desenho correspondente de Wilhelm é um desaponto. Do traçado uniforme com que o desenho é tratado emergem folhas de palmeira meramente sugeridas. Mesmo em outros quadros, Wilhelm mal individualizou as formas vegetais. Suas paisagens poderiam localizar-se em qualquer parte do mundo: montanhas, floresta e plantas são apenas indicadas quando Wilhelm registra casas indígenas, povoados ou a vegetação tropical além da margem de um rio.¹²

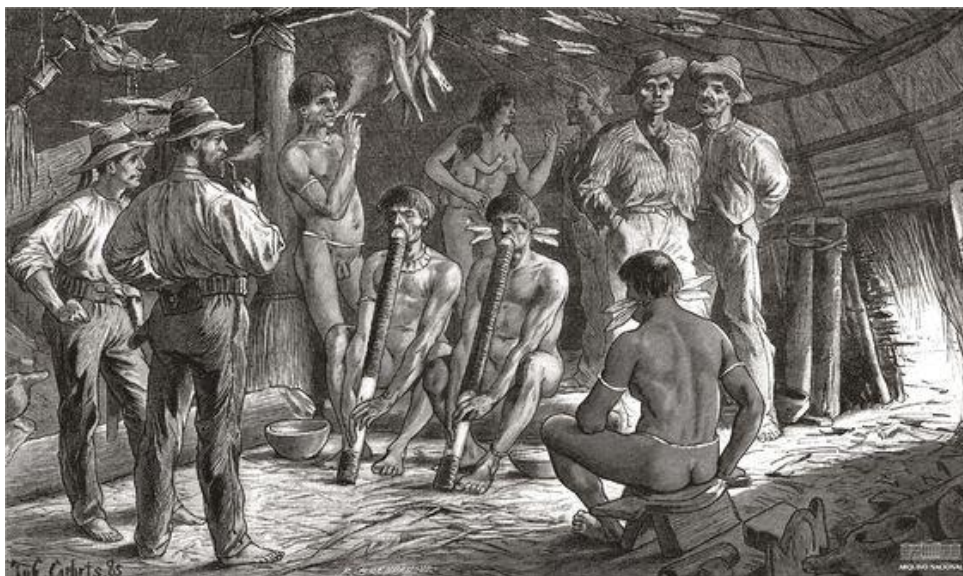
Também é importante registrar que a obra de Karl von den Steinen também conta com muitas pranchas produzidas pelo artista Johannes Gehrts. Tais pranchas foram criadas a partir das descrições de Wilhelm. Esse artista especializou-se em pinturas e desenhos relacionados à história e a mitologia. As obras desse artista de Dusseldorf procuram reproduzir aspectos *da vida indígena, do decorrer da viagem e de acontecimentos fora do comum*¹³. (imagem 3)

Imagem 3 – Dueto de Flautas.

¹¹ LOSCHNER, R. As ilustrações nos livros de viagem de Karl von den Steinen. In. COELHO, V. P.(org.) **Karl von den Steinen**: Um Século de Antropologia Xingu. São Paulo: Edusp, 1993. P. 141.

¹² *Idem* 12. Pag. 144.

¹³ *Idem* 13. Pág. 144.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/731553533194906630/>

Sobre as ilustrações contidas na versão do livro de Karl von den Steinen publicada no Brasil em 1942 a partir da obra original “Durch Central-Brasilien” publicado em 1886 em Leipzig na Alemanha, após alguns levantamentos, o resultado foi o seguinte: a obra contém 10 estampas feitas por Johannes Gehrts, e outras 13 de autoria do próprio Wilhelm von den Steinen. No início de cada capítulo são encontradas vinhetas. Além disso, são encontradas 48 gravuras atribuídas à Wilhelm. Dessas estampas vinte e sete, são voltadas a apresentação de paisagens visitadas pelos exploradores; outras catorze apresentam a representação de pessoas, além de seis estampas com imagens de objetos.

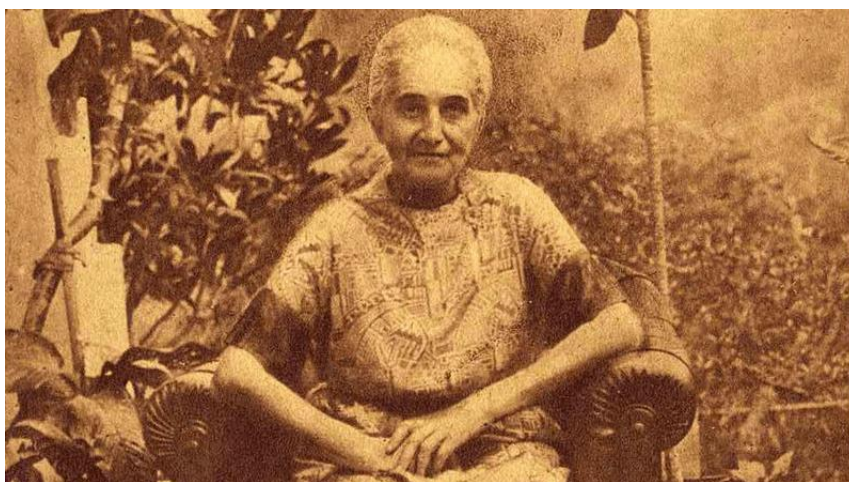
Levando em conta o trabalho de Wilhelm von den Steinen, sobretudo, acerca de seus desenhos e ilustrações de pessoas e do cotidiano das aldeias, bem como, na coordenação e montagem das demais obras que compõem o livro publicado por seu primo Karl sobre a 1ª viagem de exploração do rio Xingu, Loschner afirma que o mesmo tornou uma espécie de “pai” da etnologia brasileira, figurando com significativo destaque ao lado de figuras como Adalberto da Prússia ou mesmo Humboldt que foram igualmente importantes para o paisagismo artístico.

3. A TRAVESSIA ENTRE O XINGU E O TAPAJÓS¹⁴.

¹⁴ Título do texto de Emília Snethlage. A obra de referência para este texto é um fac-silime publicado em 2002 pelo Governo do Estado do Amazonas. SNETHLAGE, E. **A Travessia entre o Xingu e o Tapajós** (fac-similado). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas; Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2002. Coleção Documentos da Amazônia, n. 98. O original da obra foi publicado em 1913 por: E, Lohse e Cia. (Pará).

Nascida Henriette Mathilde Maria Elisabeth Emilie Snethlage¹⁵ (imagem 4) em Brandeburgo no dia 13 de abril de 1868, formou-se em Ciências Naturais, tornando-se mais tarde ornitóloga. Segundo algumas pesquisas, Emília foi aluna de dois expoentes do Darwinismo: Friedrich Weismann e Ernest Haeckel que contribuíram significativamente com as pesquisas e as obras de Emília.

Imagem 4 – Emília Snethlage



Fonte: <http://conexaoplaneta.com.br/blog/emilie-snethlage-uma-mulher-inspiradora/>

Emília que chegou a ser diretora do Museu Paraense Emilio Goeldi, em 1909 realizou uma viagem exploratória pelo território compreendido entre os rios Xingu e Tapajós. A pesquisadora saiu de Belém no dia 11 de outubro de 1908 e após oito dias, chegou à cidade de Santarém onde realizou alguns estudos preliminares que serviram de base para a jornada que iria realizar quase um ano depois. Durante o tempo que permaneceu na região em 1908, realizou a pesquisadora pequenas incursões em companhia de moradores da região.

No ano seguinte, no mês de junho, a pesquisadora voltou à região. Tendo chegado à localidade de Victoria a bordo do vapor Brito. Nesta localidade, Emília aguardou por duas semanas até a chegada daquele que seria seu companheiro de viagem. Durante este tempo, aproveitou para realizar algumas pesquisas. Visitou algumas colônias, tendo realizado algumas observações na região de Altamira às margens do rio Xingu.

Algum tempo depois encontrou com o coronel Ernesto Accioly de Souza que, segundo a pesquisadora, foi decisivo para o sucesso da expedição, tendo acompanhado a mesma durante um determinado período. Após alguns dias de extremo sacrifício navegando por rios no período da seca, chegaram à localidade conhecida como Santa Júlia, onde permaneceram até o dia 18

¹⁵ A pesquisadora será tratada a partir deste ponto do trabalho simplesmente como Emília.

de julho de 1909, data em que partiram em direção à Bocca do Juruá aonde chegaram no dia 04 de agosto.

Após alguns dias na mencionada região, continuaram a jornada até chegarem na região conhecida como Bocca do Curuá. Neste local, a pesquisadora informa ter encontrado pela primeira vez com índios selvagens. Ainda segundo Emília, tratava-se de índios Chipayas e Curuahés. Sobre esses nativos, a pesquisadora apresentou em seu texto um estudo detalhado, mencionando inclusive as obras de Coudreau, Adalberto da Prússia e Karl von den Steinen.

Sobre os índios com que travou contato, em uma passagem de sua obra, comentou Emília Snethlage o seguinte:

Não obstante esta indiferença aparente o tudo me fez uma impressão de cortesia e formalidade completas, muito surpreendentes em selvagens que costumamos considerar como pouco mais adeantados que os animaes.¹⁶

Essa passagem é interessante pois parece demonstrar que a pesquisadora que possuía atenção aos estudos da fauna e da flora, não demonstra possuir um olhar acerca dos índios diferente daqueles de sua época que eram carregados de certo preconceito. Para reforçar isso, também podemos destacar outra passagem que possui a mesma perspectiva, quando apresenta comentários sobre a esposa e os filhos do índio Manoelsinho:

A sua mulher, uma Juruna bela de aspecto altivo, e os seus filhos ainda estavam vestidos (mais exacto não vestidos) à moda primitiva, em quanto ele mesmo trajava calça e camisa e até um chapéu de feltro preto, do qual parecia não pouco desvanecer-se.¹⁷

Continuando seus relatos, Emília informa que logo no início os índios não queriam acompanhar a pesquisadora na viagem entre o Xingu e o Tapajós, mas que aos poucos foram convencidos a realizarem a viagem exploratória. Quem tratou de arrumar os indígenas para

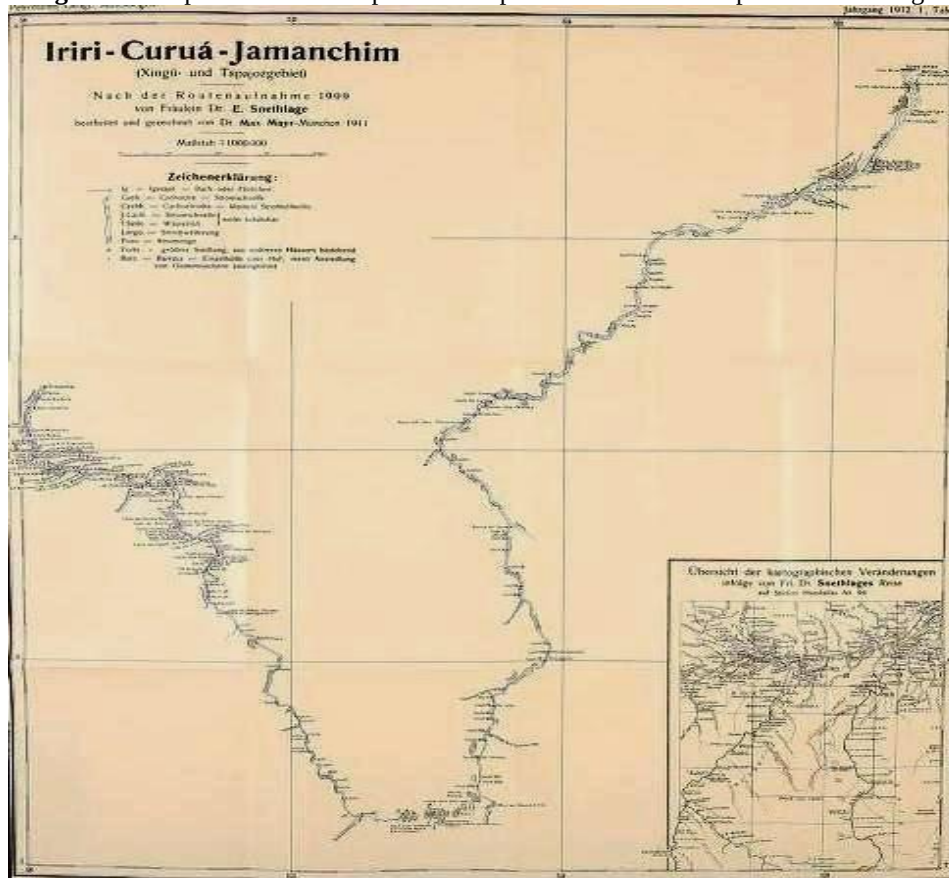
¹⁶ SNETHLAGE, E. **A Travessia entre o Xingu e o Tapajós** (fac-similado). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas; Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2002. Coleção Documentos da Amazônia, n. 98. P. 64

¹⁷ *Idem* 17. P. 64.

acompanhar Emília foi o coronel Ernesto em conjunto com o índio manoelsinho. Segundo a pesquisadora, nesta ocasião ela teve um *acesso de malária*¹⁸.

O dia 28 de agosto de 1909 foi o escolhido para o início da viagem de travessia (imagem 5). No dia combinado, Emília chegou cedo ao local combinado e encontrou seus acompanhantes na “aventura”. Eram eles: o índio Maitumá com suas duas esposas (Comaicarú e Umarú); o índio João com sua esposa Parimarú, o índio Topá e outro índio Caruahé (de nome não informado), ou seja, a comitiva era formada por Emília, quatro índios e três índias.

Imagem 5 – Mapa dos territórios percorridos por Emília e seus companheiros de viagem.



Fonte: <http://historiaszoologicas.blogspot.com.br/2014/08/>

A expedição exploratória do território compreendido entre os rios Xingu e Tapajóz representou uma página muito significativa das explorações da Amazônia brasileira. Emília Snethlage ao longo dos vários dias em que esteve à frente da jornada, realizou uma série de estudos sobre as regiões visitadas, dando notícias sobre aspectos da vegetação, clima, animais em geral (pássaros, macacos, peixes etc.).

¹⁸ *Idem* 17. P.69.

Também foi alvo do texto, os aspectos relacionados ao relacionamento entre a pesquisadora e seus acompanhantes. Esse contato mais próximo serviu para estreitar as relações de Emília com esse outro mundo (dos nativos), que até então era muito distante para ela. Um aspecto muito interessante, e que possui relação com o intenso contato dela com seus acompanhantes, diz respeito com a língua. Segundo Emília, naqueles dias de convivência, ela tentou aperfeiçoar seus conhecimentos acerca da língua dos índios Curuahé. Sobre isso comentou:

Aproveitei de todas as ocasiões para completar o meu vocabulário curuahé, mas isto foi agora bem mais difícil que no tempo em que manoelsinho servia como interprete...Tentei, com efeito, obter alguns verbos, imitando as ações de comer, beber, dormir etc., o que divertia muito os índios; mas não sei qual é a forma gramatical das palavras obtidas d'este modo¹⁹.

A viagem que estava programada inicialmente para um pouco mais de uma semana, acabou sofrendo com muitos contratempos. Em decorrência disso, a expedição acabou sendo estendida, sendo concluída após vinte e seis dias de caminhada. Ao longo desse tempo, durante o convívio da pesquisadora alemã com os nativos muita coisa ocorreu, tais como, problemas para aquisição de alimentos, dificuldades para arrumarem acampamentos seguros, entre outras coisas.

Esse período serviu, entre outras coisas, para mudar a visão da pesquisadora sobre os indígenas da Amazônia. Sobre isso, ela comentou:

Aprendi a estimar e amar os índios curuahés como gente essencialmente boa, d'um caráter infantil e amável, dóceis e não destituídos de inteligência, bem dignos d'uma outra sorte que dá de tantas outras tribos selvagens que foram malvadamente aniquiladas por uma civilização nem sempre superior sob o ponto de vista moral aos seus costumes primitivos.²⁰

Sem dúvida, essa passagem do texto é muito significativa para os estudos antropológicos da época. Uma pesquisadora tão intensamente dedicada à causa da Amazônia, ao registrar essa

¹⁹ *Idem* 17. Páginas 78-79.

²⁰ *Idem* 17. Páginas 88-89.

visão em sua obra, contribuía em muito para construção de uma visão mais contemporânea sobre os índios brasileiros.

A fim de enriquecer sua obra, Emília Snethlage procurou registrar em forma de vocabulário algumas palavras e expressões das línguas dos índios Chipaya e Curuahé respectivamente. Ao todo foram 227 vocábulos que procuraram cercar aspectos relacionados ao corpo, universo, estações climáticas, pessoas, ferramentas, armas, objetos de uso cotidiano, animais da floresta, plantas e árvores, além de verbos relacionados aos afazeres dos expedicionários ao longo da viagem.

Por fim, chegamos ao aspecto que mais interessa a este estudo, que são as imagens produzidas ao longo da expedição. Na obra publicada em 1913, os leitores puderam contemplar 17 fotografias produzidas pela própria pesquisadora. Infelizmente não foi informado no texto, que tipo de máquina ela utilizou.

As fotos servem para dimensionar bem a expedição. Além das imagens que retratam as paisagens por onde o grupo passou, temos nove fotografias exclusivamente destinadas às pessoas ou às suas ações nos ambientes por onde passaram ou residiram. Sobre as fotografias que contribuem com os estudos antropológicos no Brasil cabe dar destaque as fotos que apresentam os índios que tiveram contato com a pesquisadora. Em uma dessas fotografias é possível ver o índio manóelsinho com seus companheiros (nativos) em uma pose feita na região da boca do Curuá. Nessa foto é possível observar ao menos 20 indígenas, entre homens, mulheres e crianças.

Em outra imagem, também tirada às margens do rio Curuá, é possível ver índios Chipaya e Curuahé juntos. Além dessa, em outra foto, é possível observar um grupo formado por oito índios seminus armados com flechas que seriam Chipaya e Curuahé. (imagem 6)

Imagem 6 – índios em pose às margens do rio Curuá.



Fonte: <http://historiaszoologicas.blogspot.com.br/2014/08/>

Emília aproveitou também para fotografar seus três guias Curuahé. Para isso, ela optou por fotografa-los de frente com suas armas, bem como, em uma pose lateral. Um dos índios aparece completamente nu e os outros dois com um pano na cintura que não tapa a genitália.

Em outra foto, a pesquisadora optou por fotografar somente as índias. Para isso optou também por juntar as mulheres Chipaya e Curuahé. As indígenas aparecem com seus trajes e ornamentos típicos, bem como, com seus filhos e filhas, igualmente, ornamentados. Nessa fotografia, merece destaque duas indígenas que estão carregando as crianças mais novas.

Por fim, merece destaque também uma fotografia feita por Emília de um casal de índios Chipaya. O índio aparece seminu com um adorno de penas na cabeça, enquanto sua esposa apresenta uma espécie de saia listrada, alguns ornamentos no pulso e na canela e um enorme colar, estando com os seios descobertos.

As imagens produzidas por Emília Snethlage sem dúvida contribuem significativamente para os estudos antropológicos acerca de alguns grupos humanos da floresta amazônica. Os conhecimentos difundidos pela pesquisadora a partir de seus textos e suas imagens até hoje ajudam a entender aspectos importantes da cultura dos Chipaya e dos Curuahé,

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Após uma leitura atenta da obra de Karl von den Steinen sobre sua visita ao Xingu em 1884, bem como, do texto produzido por Henriette Mathilde Maria Elisabeth Emilie Snethlage a partir de sua travessia entre os rios Xingu e Tapajóz vinte e cinco anos depois de Steinen, é possível compreender a importância e a dimensão desses estudos para Antropologia.

É necessário dizer que ambas as obras estiveram comprometidas inicialmente com aspectos geográficos, porém ao longo de ambas as viagens, os aspectos humanos ganharam status e acabaram roubando a cena. Foram produzidos conhecimentos sobre alguns grupos indígenas da Amazônia que até hoje repercutem nos meios acadêmicos, tornando-se referência para vários outros estudos.

Além disso, as imagens que foram produzidas sejam elas, fotografias como as que compõem a obra de Emília Snethlage ou as gravuras e desenhos que estão presentes da obra de Steinen ajudam a dimensionar as viagens exploratórias, as dificuldades enfrentadas pelos exploradores, mas sem dúvida, o principal é o conjunto de informações coletadas sobre as populações indígenas que foram localizadas e estudadas pelos pesquisadores.

5. REFERÊNCIAS

COLOMBO, F. **Fotografia e información de guerra**. Espanha 1936-1939. Bienal de Venecia. Colección Punto y Línea, 1977.

CARNEIRO, M. L. T. **Revolução de 30**: um estudo através da imagem. São Paulo: FEUSP, 1998. (Anais do Encontro “Perspectivas do Ensino de História”).

MATTER, S V. Emilie Snethlage, cientista pioneira no Brasil: uma mulher inspiradora. Disponível em: <http://conexaoplaneta.com.br/blog/emilie-snethlage-uma-mulher-inspiradora/>. Acesso em: 20 de maio de 2018.

MATOS, M. H. O. Barbosa Rodrigues e o indigenismo brasileiro: quando o naturalista viajante faz mais que olhar e anotar, ele incomoda. In. CARVALHO JÚNIOR, A. D. de.; NORONHA, N. M. (orgs.) **A Amazônia dos Viajantes**: História e Ciência. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2011.

MENESES, U. T. B. de. O fogão da Societé Anonyme Du Gaz. Sugestões para uma leitura histórica de imagem publicitária. In. **Projeto de História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**. São Paulo: Educ (21), nov. 2000.

MEIRELLES, W. R. **História das Imagens**: uma abordagem, múltiplas facetas. In. Revista Pós-História. Assis (SP), 03: 105-115, 1995.

MORETTI, D. J. Alguns instantâneos da vida de Claro Gustavo Jansson. *In*. ESPIG, M. J.; MACHADO, P. P. **A Guerra Santa Revisitada: novos estudos sobre o movimento do Contestado**. Florianópolis: EdUFSC, 2008.

PRÚSSIA, A. da. **Brasil: Amazonas – Xingu**. Trad. Eduardo de Lima e Castro. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Coleção: O Brasil Visto por Estrangeiros.

RODRIGUES, F. da S. Imagem e Poder: o uso da fotografia pelo Exército. *In*. **Cadernos da FaEL**. Vol. 1, n. 3, jul./dez. 2006. Nova Iguaçu (RJ): Universidade Iguaçu.

RODRIGUES, R. R. Bendita Guerra. *In*. **Revista da Biblioteca Nacional**. Ano 7, n. 85, Pp 30-33, outubro de 2012.

SÁ, C. F. de. **Os registros científicos da Comissão Científica de Exploração ao Ceará e a importância da construção da nação**. *In*. 19&20 Rio de Janeiro, vol. VI, n. 1. Jan./mar. 2011. Disponível em http://www.dezenovevinte.net/obras/ccientifica_cc.htm. Acesso em: 20 de maio de 2018.

SNETHLAGE, E. **A Travessia entre o Xingu e o Tapajós** (fac-similado). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas; Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto, 2002. Coleção Documentos da Amazônia, n. 98.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Identidade Cultural, Identidade nacional no Brasil**. *In*. Tempo Social: Revista de Sociologia da Universidade de São Paulo. I (1): 29-46, 1º semestre de 1989.

PRUSSAT, M. Alberto Henschel e a primeira fotografia de retratos no Brasil. 2015. Disponível em: <https://www.visual-history.de/2015/06/23/alberto-henschel-und-die-fruehe-portraetfotografie-in-brasilien/> . Acesso em: 20 de maio de 2018.

RESQUE, O. R. **Viajantes: pimentas**. Disponível em: <http://olimpiareisresque.blogspot.com.br/2013/11/>. Acesso em: 20 de maio de 2018.

SNETHLAGE, E. **Explorando Del Amazonas**. Disponível em: <http://historiaszoologicas.blogspot.com.br/2014/08/> . Acesso em: 20 de maio de 2018.

TURAZZI, M. I. Máquina viajante. *In*. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Ano 5, n. 52. Janeiro de 2010.

VASQUES, P. **Fotografia, reflexos e reflexões**. Porto Alegre: L&PM, 1986.